

Rusgas, rusgas e riscos



IRON JUNQUEIRA
Escritor

Cepaigo e fora morto a tiros no escampado, numa tentativa de fuga, quando de certo modo escapara do camburão. Este era o costumeiro pretexto que, com o tempo, começou a ficar manjado...

Departamentos governamentais há, dos mais simples e humanitários aos mais importantes e nobres, que já usaram por várias ocasiões a SV (vamos inventar siglas evitando conjecturas) para insistirem em fiscalizações, ameaças, multas, fechamentos, até que a empresa fracassasse e seus donos ficassem a zero; ainda nos tempos atuais, mas dependendo de quem sejam os governantes, esses elementos macabros ainda agem nos departamentos, nas sombras, por conta própria, ou por ordem de mandatários sujos, perseguindo, discretamente, a uns e outros, de preferência aos desafetos. Esses vultos sombrios, ultimamente, quando se trata de governo justo e bem intencionado, que a ninguém prejudica, preferindo ajudar isto sim, andam sorradeira e sutilmente envenenando a quem lhes aprouver prejudicar. Não são conhecidos porque se esquivam à visibilidade. Sabem que sua perfídia não fugiria ao conhecimento do administrador que os poria a ver navios (pelas bandas do planalto...). Com o advento das câmeras nos locais, da inovação compulsória dos elementos, os maus estão se aposentando mesclados aos bons, e os que chegam sabem que precisam ficar ariscos: os tempos são outros. E mesmo porque ninguém tem medo de safados e hostilizadores, que são alçados a cargos de responsabilidade, mas estão sendo manjados: roubam e ainda perseguem através dos postos

que ocupam. Repito as exceções. Não me refiro a ninguém, pessoalmente. Mas tem que ter a seleção pelos responsáveis. Assim como toda profissão passa por atualizações, penso que os funcionários antigos igualmente precisam de reciclagem: há os que merecem ficar, é óbvio. Porém, existem os que precisam se aposentar nem que seja na "expulsória" ou serem substituídos, antes que comprometam grandes administrações. Os políticos novos que o povo elege sabem que ainda existem jurássicos, mais atrapalhando por questão pessoal do que pela visão profissional, pois de profissionalismo não têm mais nada senão mofos, teias de aranha, rugas e rusgas, oferecendo riscos.

Nos tempos eles atuais estão esquivos, de mentes industriadas por chefes esquizofrênicos, a quem não adianta nenhuma explicação nem justificativa, pois vislumbram maldades em qualquer pessoa; enxergam erros em qualquer ação que contraria suas mentes foscas; são mesmo debilídeos, principalmente por se deixarem levar por doidivas gananciosas sem os saberem tais; certa vez "denunciaram" a seu superior a presença de um adolescente numa entidade de menores; seria como se reclamassem da laranja numa laranjeira ou de um picolé numa sorveteria, tamanha era a ânsia asfíxica, venenosa e voraz, de prejudicarem aqueles a quem eles não gostam, caso semelhante ao do psicopata da delegacia, acima mencionado. Sabem aquela reforma política que permitiria a eleição aos cargos públicos só de pessoas idôneas? Acho que era isso que eu queria dizer. Mais nada.

Os Árabes no Sertão (Parte 2)



JOÃO ASMAR
Jornalista

O mascate acreditava e tinha a certeza de que o homem que habitava a zona rural, nas terras de Goiás, era honesto e honrado, e nunca se ouviu falar de que alguém houvesse usado o calote para se livrar de obrigação à custa da velhacaria. Por isso, ele deixava o que vendia, em poder do comprador, para, em viagem futura, receber o preço da mercadoria. E mais, anotava as encomendas que se lhe faziam, para trazer na próxima viagem, o que desejavam, com a convicção de que o pagamento, do negócio realizado, seria feito por ocasião da chegada dos produtos anotados. Vinham até máquinas manuais de costurar.

Esse critério, alicerçado na confiança mútua, foi dando ao árabe a condição de não ser mais o estranho, o duvidoso que chegava e provocava cismas entre os moradores do sertão, mas a criatura boa, mansa, afável e respeitosa.

Os primeiros passos dos mascates, no geral, foram marcados com alguma reserva, cautela ou desconfiança dos seus hospedeiros.

Quem era aquele que ali chegava, às vezes, ao

anoitecer ou em horas adiantadas da noite, tão deferente, desconhecido, a pedir pousada?

E o máximo que conseguia, nesse primeiro contato, era um abrigo, onde pudesse se livrar do sereno ou da chuva. E o lugar que lhe era cedido, era a área aberta, mas coberta, ao lado do paiol, onde se guardavam o carro de bois, com seus apetrechos, os cambões, as cangas, as tiradeiras, varas, esteiras, toldas de couros secos de bovinos.

Ali ele se virava, fazendo dos baixeiros suados, o leito para passar a noite. Muitos, mais tarde, padeceram com o mal de Chagas, contraído pelas picadas dos barbeiros, comuns e frequentes, naquele tempo.

Mas, depois desse primeiro encontro, que deixou marcas de entendimento e de confiança, embora relativos, passou o "turco" a ser visto por outro prisma pelos habitantes do lugar, olhando-se as dúvidas sobre qualidades ou defeitos do hóspede inesperado.

O mascate, em sua segunda viagem, já ia dormir, acomodado em catre, no alojamento dos empregados, em casa isolada da outra, grande, a residência do fazendeiro, proprietário.

Então, repetindo-se as idas e vindas do mascate e com a melhora no falar, onde o "turco" já se expressava com mais desembaraço, passou a ser ele esperado, até com melhor acolhida. Ao lado da sala principal da sede da fazenda, havia, sempre, um quarto vazio, destinado aos hóspedes, parentes e amigos da família. Ali estava uma cama limpa, com fofo

colchão de palha de milho, cobertas de algodão, ali tecidos, e travesseiro recheado de paina, tirada da barriguda ou do embiruço, para acomodar o viajante cansado. inclusive aquele que era esperado, trazendo novidades.

Operou-se uma mudança radical. Estreitaram-se laços de amizade e confiança. O chegante já se assentava à mesa, onde lhe serviam farta comida, e dialogava, animadamente, com toda a família.

Não raro, muitos desses mascates se tornaram padrinhos de crianças, por onde passavam e levavam alguma coisa que as satisfaziam, estabelecendo-se o compadresco.

Ao se apreciar, pois, o processo que se operou, ao longo do tempo, na vasta extensão do chão goiano, unindo os exóticos "mascates", ou "turcos", tão estranhos, com as famílias, conservadoras como tradicionais, há de se render um preito de homenagem e gratidão a esses aventureiros, que confiaram e estabeleceram, em nosso meio rural, o primeiro sistema de crédito, simples e seguro, sem exigências, sem protocolo, sem medo.

Quando meu pai, Abrahão Jorge Asmar morreu, em 1º de outubro de 1955, o jornal "O Globo", do Rio de Janeiro, quicá em consideração ao meu irmão, José Asmar, então, seu redator, naquela época, estampou, na primeira página, em longa coluna, uma homenagem ao falecido, sob o título: "Morre em Goiás um misto de bandeirante e mascate".

O fim da sabedoria



MERY MENDONÇA
Escritora

Os anos se passaram. E mesmo hoje, décadas mais tarde, perdemos alguns vínculos com a realidade e parece que flutuamos acima da humanidade observando num platô solitário, quanto pessoas, em qualquer parte do mundo, estão levando a vida de forma previsível.

Então surge uma grande pergunta: Por que estamos aqui? Esta é uma pergunta que muitos não sabem responder. Daí então, a dúvida e a incerteza: "Até quando estaremos aqui? Quando chegará o nosso fim?"

Nosso século compartilha significativamente do fardo dos deuses descobrindo tanto suas esperanças elevadas, quanto seu desespero destruidor. A maioria de nossos problemas, por ironia, nos sobrevive de nosso desejo de progredir, crescer, viver melhor. Já no final do século XIX, parecia que a ciência e a tecnologia venceriam a doença, eliminariam a dor e fariam com que todos nós vivêssemos maravilhosamente. No entanto, o progresso nos trouxe máquinas de lavar e vacinas, armas nucleares, aquecimento global, e trouxe também inúmeros produtos cancerígenos.

Um encontro com a beleza ou uma experiência de alegria intensa, talvez nos faça esquecer por um tempo, nosso verdadeiro

"estado mortal" – no entanto, esse esquecimento não dura muito. O Eclesiastes nos diz: "Deus pôs a eternidade no coração do homem". Essa frase tão elegante, se aplica a muitos aspectos da vida humana. O ser humano pode, é claro, sentir a eternidade no coração e nunca se voltar para o Deus que o colocou aqui "debaixo do sol".

O livro do escritor de Eclesiastes se mantém como uma grande obra de literatura e de grande verdade, porque apresenta os dois lados da vida

neste planeta: a promessa de prazeres tão tentadores que podemos gastar a vida toda para alcançá-los, mas também a descoberta preocupante de que esses prazeres, no final das contas, não nos satisfazem. O mundo encantador, mas inalcançável de Deus é muito grande para nós. Mas, feitos para outro lar, feitos para a eternidade, finalmente descobrimos que nada deste lado do paraíso pode nos acalmar os rumores de insatisfação.

E então, chegamos à conclusão: Existe algo Superior que move a vida – A vida não tem sentido sem Deus – tal qual ressaltou Kierkegaard: "Se a vida do homem não existe para ser gasta ou perdida em ativismo desenfreado, deve haver algo superior que a mova".

Solução de litígios através dos MESCS

A perspectiva para o Brasil em 2010 é das melhores, inclusive desenha-se um crescimento econômico da ordem de 5%. Mas, para isso se tornar realidade, é extremamente importante que o país tenha condições mínimas de infraestrutura. Não obstante a este contexto está o judiciário, que, mesmo com todos os esforços envidados nos últimos anos, ainda se encontra muito distante do necessário, não pela capacidade de seus gestores, mas pelo acúmulo e aumento da demanda ocorridos durante muito tempo.

O que causa desconforto é saber que em boa parte do mundo as demandas jurídicas não são tratadas apenas na justiça estatal, mas, sim, por meio dos métodos extrajudiciais de solução de controvérsias (Mescs), algo que é reconhecido no Brasil desde os tempos da colonização portuguesa e referendado pela Constituição de 1824, que trazia em seu artigo 160 a utilização da arbitragem.

Observando a comunidade internacional, atualmente 80% dos negócios utilizam a arbitragem como método de solução de conflitos. Em nosso país isso é algo incipiente, mes-

mo após a aprovação da lei 9.307/96, Lei de Arbitragem. Temos um cenário altamente favorável, pois um estudo do Comitê Brasileiro de Arbitragem e da Escola de Direito da Fundação Getúlio Vargas, demonstra que, em geral, a justiça estatal mantém de maneira esmagadora as sentenças dadas por tribunais arbitrais brasileiros. É neste mar que pretendo navegar, ou seja, quando se pensa em fazer investimentos em uma outra nação, além de refletir sobre a infraestrutura, o sistema judiciário também se tornar um ponto nevrálgico na tomada de decisão das organizações de se instalarem ou não, no país pretendido. No caso brasileiro onde um litígio se arrasta por anos na justiça estatal, mesmo com o advento dos juizados especiais, se utilizado os Mescs isso não passaria de 180 dias.

Como já comentei em outro artigo essa é uma área a ser explorada pelos administradores, mas para tanto, estes precisam se preparar. O CRA-GO pretende realizar neste ano várias oficinas, com fulcro de capacitar os colegas administradores que já fizeram o curso de mediação, conciliação e arbitragem, qualificar e ampliar a discussão

dos métodos extrajudiciais junto aos administradores, mas também envolver os empresários e a sociedade organizada, criando um ambiente favorável, para estabelecer em um futuro próximo uma câmara no âmbito do Conselho. Uma vez que a arbitragem pode ser aplicada em todos os litígios relativos a direitos patrimoniais disponíveis, ou seja, bens que possuem um valor agregado, e, como tal, podem ser negociados (alugados, vendidos ou cedidos).

No seio da administração temos um excelente trabalho sendo realizado pela Câmara de Mediação e Arbitragem do CRA-RS, e ainda, o trabalho que está sendo feito pelo CRA-PB neste sentido. Então, colegas administradores, vamos empunhar essa bandeira, pois, além de ser mais uma oportunidade de trabalho, teremos também mais empresas vindo para o País e para o Estado de Goiás, o que é extraordinário para nossa profissão.

José Carlos dos Santos é administrador, especialista em Comércio Exterior e Docência do Ensino Superior, empresário, professor universitário e conselheiro do CRA-GO.

JORNAL ESTADO
DE GOIÁS

Publicação da WCR Produção e Comunicação Ltda

- Administração, Redação e Edição
Av. JK, nº 2343, Pq. Industrial, Nova Capital
Cep: 75114-225
Anápolis-Goiás

Redação: (62) 3701-2721 / Comercial: (62) 3702-4406
Impressão: F. Câmara Gráfica

Editor-Chefe
Marcos Vieira (marcosvieira77@yahoo.com.br)

Editor de Arte
Normando Pereira Barros (npbarros@hotmail.com)

Jornalistas
Fernanda Moraes (fernandafmoraes@hotmail.com)
Marcos Aurélio Silva (marcos.imprensa@gmail.com)
Orisvaldo Pires (orisvaldopires@gmail.com)

Repórter Fotográfico
Ismael Vieira (ismaelvieira@hotmail.com)

jornaldoestadodegoias@gmail.com